

## 2º CONGRESSO MISSIONÁRIO NACIONAL Aparecida, SP, 1 a 4 de maio de 2008

# IGREJA NO BRASIL: ESCUTA, SEGUE, ANUNCIA

## CONCLUSÕES, DESAFIOS E PERSPECTIVAS

de Pe. Estevão Raschiatti, SX<sup>1</sup>  
Coordenador da Assessoria do 2 CMN

*“Aumente o espaço de sua tenda, ligeira estenda a lona, estique as cordas, finque as estacas, porque você vai se estender para a direita e para a esquerda, seus filhos herdarão nações e povoarão cidades desabitadas” (Is 54,2-3).*

1. Nessas palavras do Dêutero-Isaias podemos encontrar uma imagem-síntese do 2º Congresso Missionário Nacional (2 CMN), realizado em Aparecida de 1 a 4 de maio de 2008. Esse evento, que reuniu cerca de 600 delegados e participantes de todo Brasil, aconteceu no mesmo auditório que hospedou a V Conferência Geral do Episcopado Latino Americano e Caribenho. Houve uma profunda interação entre as duas convocações: naquela ocasião os bispos trataram da missão no Continente; desta vez essa mesma missão estendeu-se para o mundo inteiro, a partir do Continente e a partir de Aparecida, além de Aparecida e além do Continente.
2. Os versos do profeta expressam bem essa perspectiva. São palavras cheias de esperança. A libertação do cativo faz surgir a expectativa de um novo tempo e de uma nova cidade redimida, onde reinam soberanas a justiça, a fraternidade e a paz entre os povos. O espaço da tenda é demasiadamente doméstico. É preciso ampliá-lo para que se torne espaço aberto a todos. É preciso preparar uma grande morada fincando as estacas, esticando as cordas e estendendo as lonas.
3. A Igreja é convocada a tornar-se “morada de povos irmãos e casa dos pobres” (DA 8), “instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano” (LG 1), “fermento do Reino” a serviço da realização da Cidade Santa (DA 516). Para isso, Deus convoca o seu povo para um novo êxodo, para uma *saída* da escravidão de tantas “situações desumanas” (DA 358) e uma *travessia* para um outro mundo possível. Esse êxodo exige nossa conversão de cada dia para que aconteça uma ruptura, uma “contraposição à cultura dominante” (DA 540), despertando “a esperança no meio às situações mais difíceis” (DA 395), com gestos concretos (cf. DA 397), com o dom da vida (cf. DA 360) e com sinais que revelam a presença de Deus: “a vivência pessoal e comunitária das bem-aventuranças, a evangelização

---

<sup>1</sup> Stefano Raschiatti, sx, é missionário xaveriano italiano há 17 anos no Brasil. É mestre em Teologia Dogmática com concentração em Missiologia pela Pontifícia Faculdade Nossa Senhora da Assunção, São Paulo, SP, assessor do Conselho Missionário Nacional da CNBB e membro da equipe do Centro Cultural Conforti de Curitiba, PR, Brasil.

dos pobres, o conhecimento e cumprimento da vontade do Pai, o martírio pela fé, o acesso de todos aos bens da criação, o perdão mútuo, sincero e fraterno, aceitando e respeitando a riqueza da pluralidade e a luta para não sucumbir à tentação e não ser escravos do mal” (DA 383).

## **I. EXTENSÃO E PROFUNDIDADE (ESCUTA E SEGUIMENTO)**

4. É assim que a Igreja no continente é “chamada a repensar profundamente e a relançar com fidelidade e audácia sua missão nas novas circunstâncias latino-americanas e mundiais” (DA 11). O Congresso, mais uma vez, não apelou para “receitas” capazes de livrar do cansaço, da desilusão, da acomodação, e de transformar cada comunidade cristã “num poderoso centro de irradiação da vida em Cristo” (DA 362). Só apontou caminhos de abertura, de esperança e de compromisso “frente àqueles que só vêem confusão, perigos e ameaças” (DA 11).
5. Já Puebla nos lembrava que
  - “a evangelização tem de calar fundo no coração do homem e dos povos. Por isso sua dinâmica procura a conversão pessoal e a transformação social.
  - a evangelização há de estender-se a todos os povos; por isso sua dinâmica procura a universalidade do gênero humano. Ambos estes aspectos são de atualidade para evangelizar hoje e amanhã a América Latina” (Puebla 362).
6. A missão convida a Igreja a buscar profundidade e extensão em sua ação evangelizadora. Antes de mais nada, porém, como sugere o poema de Isaías, precisa ouvir o chamado a se estender, a transbordar os limites, a ir ao encontro do pobre e do outro e não se fechar. Infelizmente, os exilados de Israel não ouviram a voz do profeta e ergueram um muro em torno da cidade e dentro seus corações, reforçando de maneira narcisista sua identidade cultural e seus laços de aliança com Javé. Também a Igreja na América Latina corre o mesmo risco diante da “desordem generalizada que se propaga por novas turbulências sociais e políticas, pela difusão de uma cultura distante e hostil à tradição cristã e pela emergência de variadas ofertas religiosas que tratam de responder, à sua maneira, à sede de Deus que nossos povos manifestam” (DA 10). A tentação à introversão e a uma ação exclusivamente de reconquista, é grande.

### **Missão de uma igreja que é parte integrante da humanidade**

7. A missão, porém, convida hoje a percorrer outros caminhos. Os muros e as fronteiras impedem a visão e a ação. O Concílio Vaticano II derrubou esses muros inaugurando um novo tempo no qual a Igreja adquiriu uma nova concepção de si mesma numa nova relação com a história e com o mundo: a consciência de fazer parte da história humana e da humanidade como Povo de Deus. Uma Igreja missionária no mundo sem ser do mundo. “A antiga história do samaritano foi o paradigma da espiritualidade do Concílio – disse Paulo VI na homilia de encerramento do Concílio – Uma simpatia imensa permeou-o por inteiro. A descoberta das necessidades humanas absorveu a atenção do nosso Sínodo (...) O nosso humanismo faz-se cristianismo e o nosso cristianismo faz-se teocêntrico; tanto que podemos também dizer: para conhecer Deus precisa conhecer o homem”.

8. O texto-base do 3º Congresso Americano Missionário - 8º Congresso Missionário Latino-americano (CAM 3 – Comla 8) a ser realizado em Quito, Equador, de 12 a 17 de agosto, nos impeliu a redescobrir o valor fundamental dessa perspectiva conciliar: “A Missão é para o Reino de Deus e para a humanidade inteira e seu futuro. Como a Igreja, a Missão é convocada dentre toda a humanidade e posta para toda ela; está marcada indelevelmente de universalidade. Na atual mudança de época e de paradigmas, entrega-se a realizar o Plano de Deus, anunciando Jesus, que nos foi revelado. A Missão abarca-O todo. Hoje a Missão ‘ad gentes’ é equivalente a ‘Missão para a humanidade’. A fim de que Jesus Cristo seja hoje ‘Luz das Nações’ (cf. Lc 2,32), abre-se com um sentido de comunhão, universalidade e abertura servidora, dialogadora; escuta os sinais da presença do Verbo em toda cultura e no caminho geral dos povos” (Instrumento de trabalho do CAM 3 – Comla 8, 189).
9. Entretemo-nos a refletir sobre esse horizonte universal, fazendo *memória* do legado da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, procurando ver e sentir o mundo todo com os olhos e o coração cheio de compaixão de Deus, enxergando nos sinais dos tempos Sua presença que nos fala e que nos convoca continuamente para a missão aos povos.

### **Universalidade versus globalização**

10. Os romeiros missionários que vieram a Aparecida de todo Brasil, como delegados de suas Igrejas locais, trouxeram as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias de seus povos, testemunhando de um lado o despertar missionário que envolve particularmente os leigos e as leigas, a força de resistência da cultura e religiosidade popular, a criatividade de suas CEBs, as inúmeras iniciativas em defesa da vida em todos os seus aspectos, o protagonismo de crianças e jovens na missão, o impulso dado pelas Santas Missões Populares. Por outro lado, apareceram desafios que apontam como causa direta a perversidade da globalização, num país e num continente em que se agravam, de norte a sul, no campo e na cidade, as condições de pobreza e de exclusão, de violência e de injustiça, de agressão aos povos indígenas e de depredação da natureza, de desrespeito à vida e da crise de seu sentido (cf. DA 37).
11. A globalização em si nada tem a ver com o Evangelho. Se de um lado “manifesta a aspiração do gênero humano à unidade” (DA 60), por outro, a ideologia neoliberal que alimenta suas redes planetárias não gera unidade, mas processos desumanos de fragmentação. O anúncio e a perspectiva do Reino impelem para uma universalidade substancialmente outra, profundamente humana, para um “outro mundo possível”.
12. Por isso que o olhar do Congresso quis orientar especificamente sua atenção para os desafios mundiais da missão, além de nossas fronteiras. Na tentativa de responder a esse chamado de “aumentar o espaço de nossa tenda”, estendemos lonas de fraternidade e laços de diálogo particularmente com os povos da África e da Ásia, através das missionárias e missionários brasileiros que lá trabalharam e das missionárias e missionários africanos e asiáticos que estão no meio de nós. Já Medellín nos lembrava, em sua mensagem final, que “a América Latina tentará obter sua libertação a custo de qualquer sacrifício, não para fechar-se em si mesma, mas para abrir-se à união com o resto do mundo, dando e recebendo em espírito de solidariedade [particularmente] com os povos irmãos de outros continentes que se encontram em situações semelhantes às nossas” (DM, *Mensagem final*).

## **Ir além das fronteiras da globalização que nos dividem**

13. A escuta dessas realidades abriu nossos horizontes, tocou nossos corações e nos deu chaves de leituras para reinterpretar também nossa realidade contextual. Descobrimos que essas fronteiras missionárias antes de ser “geográficas”, são profundamente humanas. Fizemos uma singela e intensa experiência de humanidade, de “cidadania mundial” e de “catolicidade cristã”. Entendemos que a missão não pode se restringir de forma alguma ao continente latino-americano: ergueríamos muros exclusivistas que impediriam de anunciar nossa fraternidade, “dando de nossa pobreza” (Puebla 368), de nos converter com o testemunho dos outros e de aprender com tantas verdades e sabedorias. Com o fechamento em si não seria possível uma conversão por parte da Igreja. Intuímos que o sentido de nossa essência missionária estaria definitivamente comprometido sem a vivência dessa dimensão universal.
14. “Aumente o espaço de sua tenda”: esse é o grande segredo da missionariedade. Em primeiro lugar, vem a abertura, o envio, o chamado para todas as discípulas e os discípulos missionários a romper barreiras e ir além das fronteiras, que são muitas e diferentes: culturais, sociais, econômicas, étnicas, religiosas. Num mundo globalizado que aparenta ter diminuído as distâncias entre os povos e as pessoas, surgem novos e profundos abismos entre ricos e pobres, conectados e desconectados, integrados e excluídos, dominadores e dominados, salvados e condenados. E tudo isso se torna bem mais trágico indiscutivelmente em determinadas regiões do mundo, próximas e distantes ao mesmo tempo. Em todos os sentidos, nada é mais atual para nós na América Latina, do que o caminho indicado pelo Decreto *Ad Gentes*, o documento missionário do Vaticano II: “a graça da renovação não pode crescer nas comunidades, a não ser que cada uma dilate o campo da sua caridade até aos confins da terra e tenha igual solicitude pelos que são de longe como pelos que são seus próprios membros” (AG 37).

## **Fincar as estacas de nossa identidade missionária**

15. Esse apelo a “aumentar o espaço da tenda, estendendo as lonas e esticando as cordas”, leva necessariamente e conseqüentemente a buscar profundidade em nossa ação missionária, em nossa vivência de fé e em nossa identidade cristã. É preciso, portanto, “fincar fundo as estacas” para que a tenda segure. Em sua abertura ao mundo, diante dos desafios colocados pelo mundo contemporâneo, o Concílio Vaticano II chega logo a se perguntar: quem é a Igreja? qual é sua missão no meio da humanidade? Daí nasce o documento central, a Constituição dogmática *Lumen Gentium*, que aprofunda a natureza identitária da comunidade cristã que se fundamenta no mistério trinitário, que se expressa como Povo de Deus, que é constituída de vários ministérios, que é chamada à santidade e que tem uma índole escatológica.
16. Da mesma maneira, a Conferência de Aparecida, diante dos desafios do mundo globalizado pergunta-se: quem somos nós? quem são os discípulos missionários? qual é sua missão no mundo? Conseqüentemente, o tema da conversão antes de ser dirigido aos outros, é apontado como caminho para a própria Igreja da América Latina, da mesma forma que o Concílio Vaticano II propôs à Igreja mundial uma mudança profunda para poder dialogar com a humanidade.

17. O conteúdo dessa conversão consiste na volta à essencialidade evangélica: “recomeçar a partir de Cristo em todos os âmbitos da missão. Redescobrir em Jesus o amor e a salvação que o Pai nos dá, pelo Espírito Santo (...) A fé é uma caminhada conduzida pelo Espírito Santo que se resume em duas palavras: conversão e seguimento. Essas duas palavras-chave da tradição cristã indicam com clareza, que a fé em Cristo implica uma práxis de vida baseada no duplice mandamento do amor, a Deus e ao próximo, e exprimem também a dimensão social da vida cristã” (*Bento XVI, Encontro e celebração das vésperas com os Bispos do Brasil, em 11 de maio de 2007*).

### **Re-encantamento pelo Evangelho**

18. Essas palavras, que ressoam como quase óbvias, apontam na realidade para um re-encantamento pelo Evangelho. Um Evangelho assumido e vivido não como doutrina ou confissão religiosa, mas como “práxis de vida baseada no duplice mandamento do amor”: “No seguimento de Jesus Cristo, aprendemos e praticamos as bem-aventuranças do Reino, o estilo de vida do próprio Jesus: seu amor e obediência filial ao Pai, sua compaixão entranhável frente à dor humana, sua proximidade aos pobres e aos pequenos, sua fidelidade à missão encomendada, seu amor servil até à doação de sua vida. Hoje, contemplamos a Jesus Cristo tal como os Evangelhos nos transmitem para conhecermos o que Ele fez e para discernirmos o que nós devemos fazer nas atuais circunstâncias” (DA 139).

19. Discipulado missionário, em definitiva, é isso. Redescobrir a Palavra “como fonte de evangelização” (DA 248), a pessoa de Jesus “tal como os Evangelhos nos transmitem”, assumindo *imediatamente* seu seguimento e participando de sua missão *ao mesmo tempo em que* nos vincula a Ele como amigos e irmãos (cf. DA 144). Num tempo de desnorreamento como o atual, não se poderia exigir outra coisa: buscar o essencial (evitando tantos detalhes), apontar com clareza processos e caminhos a seguir (e não doutrinações); mostrar o Evangelho na vida de todos os dias e em todos os âmbitos da missão (sem muitas de-monstrações).

20. Nesse sentido a missão, essência divina – como evidenciamos há cinco anos, em Belo Horizonte, no 1º Congresso Missionário Nacional (1 CMN) –, é a verdadeira identidade do cristão e não seu prolongamento. O discipulado só acontece na e para a missão, assim como a missão encontra no discipulado sua forma e conteúdo (cf. Mt 28,19), pois somos enviados com a humildade dos *aprendizes* no meio dos povos e somos chamados a fazer com que muitos se tornem praticantes da Palavra, caminho de salvação para todos, e se reconheçam como *irmãs e irmãos*, filhos do mesmo Pai, uns com os outros.

### **Re-descoberta da essência missionária latino-americana**

21. Aqui na América Latina, encontramos o desdobramento dessa essência missionária na caminhada de nossas comunidades a partir da Conferência de Medellín, da qual celebramos os 40 anos de sua realização. Fazer memória desse evento histórico, que mudou os rumos da ação da Igreja em todo o continente, significa retomar marcas profundas da genuína identidade da Igreja no continente, o próprio DNA da missionariedade da Igreja latino-americana, resgatado com fidelidade e esperança pela Conferência de Aparecida. A recuperação da memória é fundamental para o anúncio missionário.

22. Medellín fundamenta com exatidão como há de proceder a partir da América Latina “uma missão *ad gentes* como missão para a humanidade”: uma missão a partir dos pobres. A opção pelos pobres implica para a Igreja um deslocamento fundamental, uma *saída de si*, em termos de perceber e questionar a realidade do mundo do ponto de vista das vítimas e dos injustiçados. Implica também, e sobretudo, a adesão a um projeto de mundo global mais justo e solidário, significativamente “outro” daquilo que temos diante dos olhos. Mas sobretudo, uma missão a partir dos pobres é uma missão que vê os pobres como protagonistas: eles “exigem nosso compromisso e nos dão testemunho de fé, paciência no sofrimento e constante luta para continuar vivendo” (DA 257).
23. Também o sentido da salvação que anunciamos na missão adquire, a partir dos pobres, um significado biblicamente original. O tema da libertação retorna a brilhar de maneira expressiva no Documento de Aparecida, depois de tempos obscuros de eclipse: “o rico magistério social da Igreja nos indica que não podemos conceber uma oferta de vida em Cristo sem um dinamismo de libertação integral, de humanização, de reconciliação e de inserção social” (DA 359). Para o magistério do Vaticano II e de Medellín é fundamental “mostrar a unidade profunda entre o plano salvífico de Deus, realizado em Cristo, e as aspirações do ser humano; entre a história da salvação e a história humana; entre a Igreja e as comunidades temporais, excluindo toda dicotomia ou dualismo” (Med 8,4). Assim, a missão implica em “assumir totalmente as angústias e as esperanças do homem de hoje, a fim de oferecer-lhe as possibilidades de uma libertação plena” (Med 8,6).

## II. DESAFIOS E PERSPECTIVAS (ANÚNCIO E MISSÃO)

24. Todo o resgate da reflexão e da memória missionária latino-americana, a partir do Concílio Vaticano II, pelos rumos das Conferências de Medellín até Aparecida, mas também com a contribuição dos Congressos Missionários Latino-americanos e Nacionais, torna-se valiosa ferramenta para apontar desafios e perspectivas para a caminhada de nossas Igrejas. A missão assumida hoje em torno desse eixo fundamental de extensão – profundidade (nessa ordem), na *escuta* da realidade, no *seguimento* de Jesus e no *anúncio* do Reino, concretiza-se em cinco âmbitos de atuação evangelizadora articulados entre si.

### Formação dos discípulos missionários

25. O primeiro âmbito da missão indicado por Aparecida na V Conferência e, insistentemente, no 2 CMN, é a formação dos discípulos missionários. Esse âmbito diz respeito aos sujeitos e ao mesmo tempo à finalidade da missão. Missão é fundamentalmente “fazer discípulos” (cf. Mt 28,19), e fazer discípulos significa fazer com que muitos se tornem praticantes da Palavra, caminho de salvação para todos, e se reconheçam como *irmãs e irmãos*, filhos do mesmo Pai, uns com os outros. A *missio ad gentes* em seu novo paradigma, é essencialmente uma *missio ad cordia*: “na verdade, os verdadeiros destinatários da atividade missionária do povo de Deus não são só os povos não cristãos e das terras distantes, mas também os campos sócio-culturais, e sobretudo os corações” (DA 375). A própria missão é essencialmente uma questão de coração. Não há conversão das estruturas se não há conversão dos corações.
26. Em vários momentos, sobretudo nos mutirões de reflexão, foi retomada a dimensão do “encontro pessoal com Cristo”, expressão que retorna como um *leitmotiv* ao longo de todo o

Documento de Aparecida. Mas é preciso levar esse encontro a um compromisso concreto. Uma das expressões que mais saiu nos plenários é: “eu vou, eu me ofereço à missão”. Só o encontro com Jesus Cristo pode não resolver muita coisa se esse encontro não leva logo a uma adesão plena: abraçar a missão. No encontro com Jesus, o jovem rico não aceita o seguimento na missão que se concretiza imediatamente na fundamental *saída de si mesmo*, em largar mão de seus bens, em favorecer os pobres e em entregar-se totalmente a Deus (cf. Mc 10,17-22). O encontro com Jesus é intenso, amoroso, cheio de reconhecimento recíproco, mas, afinal, improdutivo.

27. Por isso a formação permanente dos cristãos – todos eles: crianças, jovens, adultos, bispos, presbíteros, religiosos, leigos – deve ter um marco especificamente “espiritual missionário” assim como é apontado pelo Documento de Aparecida: “É necessário formar os discípulos missionários numa espiritualidade missionária que se baseia na docilidade ao impulso do Espírito, à sua potência de vida que mobiliza e transfigura todas as dimensões da existência. Não é uma experiência que se limita aos espaços privados da devoção, mas que procura penetrá-los completamente com seu fogo e sua vida. O discípulo e missionário, movido pelo estímulo e ardor que provêm do Espírito, aprende a expressá-lo no trabalho, no diálogo, no serviço e na missão cotidiana” (DA 284).

### **Formação da comunidade missionária**

28. O segundo âmbito da missão é a formação da comunidade missionária. A vida em fraternidade é a dimensão existencial do discipulado missionário. A comunhão de vida estabelecida mediante relações fraternas constitui a origem, o caminho e a meta da missão, pois é o altar da fraternidade o lugar mais apropriado para celebrar a paternidade de Deus (cf. Mt 5,23-24). Já o 1º CMN evidenciava esse aspecto como um salto qualitativo para uma missão no século XXI: “A história da evangelização, infelizmente, narra muitas vezes de Missões feitas por indivíduos desbravadores, que partiam com a cara e a coragem para salvar *almas* (...) Hoje, ao contrário, precisamos de simples comunidades missionárias para uma Missão feita em comunidade” (*Conclusões do 1CMN*, 15).
29. Nesse 2º CMN retornou com força essa exigência. Daí a necessidade valorizar as CEBs (cf. RMI 51), a Pastoral de Conjunto, de repensar a paróquia como “comunidade de comunidades”. Para que haja uma *paróquia missionária*, nos moldes de uma “conversão pastoral” exigida pelo Documento de Aparecida (cf. DA 365 – 372), é preciso iniciar profundos e participativos processos de mudança, que envolvam o maior número de pessoas a partir da base: por isso que “a renovação da paróquia exige atitudes novas dos párocos e dos sacerdotes que estão a serviço dela” (DA 201), assim como dos leigos e das leigas, dos religiosos e das religiosas.
30. Só uma Igreja articulada em torno do princípio da comunhão – e não da instituição –, da dimensão eqüitativa do Povo de Deus – e não da hierarquia –, poderá ser “sinal e instrumento de reconciliação e paz para nossos povos” (DA 162), e como Cristo atrair tudo para si com a força do seu amor: “A Igreja ‘atrai’ quando vive em comunhão, pois os discípulos de Jesus serão reconhecidos se amarem uns aos outros como Ele nos amou (cf. Rm 12,4-13; Jo 13,34)” (DA 159). Nesse sentido, também a comunhão entre comunidades deve ser significativa e autêntica diminuindo o “escândalo” econômico entre as Igrejas que esbanjam, enquanto outras passam necessidades, como afirmou o mutirão de reflexão sobre a formação da comunidade.

## Missão Continental

31. O terceiro âmbito da missão foi descrito como Missão Continental. Na preparação da Conferência de Aparecida, essa perspectiva dava mostras de que se tornaria o assunto mais importante do evento, o que não aconteceu. Também o 2 CMN não tratou diretamente desse assunto. O projeto de uma Missão Continental deveria assumir, a princípio, o que já foi chamado de “nova evangelização entre os cristãos culturais” (cf. RM 33, SD 24) e “reevangelização entre os não-praticantes” (RM 33, 37), “diante do significativo número de católicos que estão abandonando a Igreja para entrar em outros grupos religiosos” (DA 100 f).
32. A esse propósito, o mutirão de reflexão sobre o diálogo ecumênico e inter-religioso lembrou que hoje vivemos em um mundo plural, que exige o respeito ao outro, que é diferente de nós. Somos uma Igreja dentre outras Igrejas. O Cristianismo é uma religião entre outras religiões. Precisamos urgentemente chegar a um ato de reconhecimento dos batizados de outras tradições cristãs. Esses batizados são chamados a tornar-se discípulos missionários como nós e junto a nós atuar numa missão ecumênica, já ensaiada por ocasião das Campanhas da Fraternidade de 2000 e 2005.
33. Por esses e outros motivos, a perspectiva de uma Missão Continental causa algumas perplexidades e preocupações. A missão por sua natureza não é continental, mas universal e sem fronteiras. Melhor seria para todos nós transformar esse plano de Missão Continental em um projeto de “*animação missionária continental*”, dirigido às Igrejas para que convertam seus corações, abram os horizontes e se coloquem em estado permanente de missão (cf. DA 213).

## Missão *ad gentes*

34. Mais interessante, então, é pensar no desafio e na perspectiva do quarto âmbito indicado pelo 2 CMN: a missão *ad gentes*. O debate sobre a missão *ad gentes* intensificou-se muito nas últimas décadas, ao ponto que não é mais possível referir-se a ela somente em termos de territórios e de primeiríssima evangelização (RMi 31 – 40). Desafios como o mundo urbano, a juventude, os fenômenos sociais novos, as migrações, os areópagos das comunicações, da cultura, da política, da economia, fazem parte do nosso cotidiano, estão debaixo dos nossos olhos, estamos mergulhados neles e dizem respeito diretamente à missão *ad gentes*: uma missão no meio dos pobres e dos outros – especialmente os que não não crêem em Deus –, que nos torna hospedes na casa deles.
35. Diante de tantas situações é preciso, entre outras coisas: reforçar a itinerância e presença da Igreja em situações sócio-geográficas onde o Evangelho não é reconhecido; incentivar práticas ecumênicas comuns para que todos tenham vida e a tenham em abundância (missão comum em presídios; missão comum nos hospitais; missão comum nas escolas; missão comum na recuperação dos dependentes de drogas; missão comum até nas missões populares); “fomentar a pastoral da acolhida aos que chegam à cidade e aos que já vivem nela, passando de um passivo esperar a um ativo buscar e chegar aos que estão longe com novas estratégias” (DA 517i); criar equipes missionárias que se ocupem em conhecer e atender a realidade do migrante, de modo especial as novas realidades da mobilidade humana; articular um trabalho de conjunto entre Pastoral da Comunicação e Conselhos Missionários em todos os níveis, para criar nos comunicadores uma consciência missionária e capacitar os/as missionários/as na



comunicação; favorecer o conhecimento das culturas indígenas e afro-brasileiras, a fim de que haja uma inculturação nas atividades, na catequese e na pastoral missionária.

36. Já o 1 CMN quis reafirmar, com muita convicção, com as palavras de João Paulo II, que a Missão *ad gentes* “ainda hoje representa o maior desafio para a Igreja” (RM 40). Também a Igreja no Brasil é chamada com urgência a encontrar motivos e perspectivas para se lançar com coragem e generosidade além de suas fronteiras institucionais e confessionais, numa missão para a humanidade.

### **Dimensão universal da missão**

37. Contudo, o conceito de *ad gentes* no Documento de Aparecida, como na maioria dos documentos do magistério, está ainda amarrado a uma visão exclusivamente de “missão universal” (cf. DA 548). Longe de representar algo de ultrapassado, essa visão talvez aponte para um outro âmbito e um outro compromisso indeclinável que é a dimensão universal da missão. Essa dimensão é estreitamente ligada à missão *ad gentes*, mas é necessário distingui-la para que não “se torne numa realidade diluída na missão global de todo o Povo de Deus, ficando desse modo descurada ou esquecida” (RMi 34).
38. O 2 CMN, sendo uma iniciativa promovida pelo Conselho Missionário Nacional, deu um destaque especial para essa perspectiva missionária, pois sem ela se *desvirtua completamente o ser discípulo missionário*. A paixão pelo mundo, própria da vocação cristã, se expressa no sentir e no vibrar profundamente pela humanidade inteira, e em ser capaz de realizar gestos simples, ousados e concretos de solidariedade e de partilha com os outros povos, até o envio de missionários e missionárias além-fronteiras. Em outras palavras, “pensar mundialmente e agir localmente”. Só assim nos tornaremos um sinal profético de uma nova humanidade mundial, fraterna e multicultural.
39. Hoje essa perspectiva pode ser pensada em termos de *missio inter gentes*, uma missão entre povos e continentes, entre igrejas locais e igreja universal, vivida no intercâmbio de dons entre comunidades solidárias. Essa visão corresponde ao espírito do Vaticano II porque “leva em conta a situação do pluralismo religioso e da diáspora crescente da Igreja no mundo de hoje; enfatiza a responsabilidade da Igreja local para a missão; quebra o monopólio de uma Igreja que envia missionários e uma Igreja que os recebe; admite a reciprocidade e conversão mútua entre agentes e destinatários da missão e da Igreja em seis continentes e, por conseguinte, valoriza o diálogo intercultural e inter-religioso; sublinha a missão como uma atividade, não entre indivíduos, mas entre comunidades” (SUESS, Paulo. *Introdução à Teologia da Missão*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 206 -207).
40. Contudo, foi relevado que a estrutura centralizadora de nossas igrejas não favorece a vivência dessa dimensão universal da missão. Talvez precise ainda de uma conversão profunda de mentalidade que ajude a passar do só receber a também a dar (e vice-versa). Para isso os leigos e as leigas se mostraram mais sensíveis e solicitam um investimento por parte das igrejas, tanto na formação como também no apóio e acompanhamento de projetos missionários além-fronteiras. As religiosas e os religiosos são a grande maioria dos missionários brasileiros pelo mundo afora: isso qualifica a radicalidade de vida própria de sua vocação e consagração. Solicitou-se também que uma significativa experiência missionária além-fronteiras não pode faltar na formação dos futuros presbíteros. Enfim, uma

característica que é própria do continente latino-americano, essa dimensão universal da missão se expressa na presença de muitos migrantes em outros países: “o ‘estrangeiro’ é o mensageiro de Deus. Nos ‘estrangeiros’ a Igreja vê Cristo que ‘coloca a sua tenda no meio de nós’ e que ‘bate à nossa porta’” (mutirão de reflexão sobre as migrações).

41. A dimensão universal da missão sugere também que a missão da Igreja tem que ir além de uma missão para a humanidade, para tornar-se uma missão planetária, para toda criação. O compromisso com o meio ambiente e com o cuidado da mãe terra, em particular com a Amazônia, é urgente e prioritário. É preciso, portanto, “evangelizar nossos povos para que descubram o dom da criação, sabendo contemplá-la e cuidar dela como casa de todos os seres vivos e matriz da vida do planeta, a fim de exercitarem responsabilmente o senhorio humano sobre a terra e sobre os recursos, para que possam render todos os seus frutos com destinação universal, educando para um estilo de vida de sobriedade e austeridade solidárias” (DA 474).

## CONCLUSÃO

42. Os Congressos Missionários Nacionais (CMNs) foram realizados até agora em lugares altamente significativos para a memória e a caminhada de nossa Igreja: o primeiro, em Belo Horizonte, nos remeteu à celebração do V Congresso Missionário Latino-americano (Comla 5), de 18 a 23 de julho de 1995; o segundo, em Aparecida, à V Conferência Geral do Episcopado Latino Americano. Pensados e realizados em preparação aos Congressos Americanos Missionários (CAM) iminentes, os CMNs não deixam de traçar um percurso próprio e original de reflexão e de compromisso missionário, que re-percorre em quatro etapas o caminho dos discípulos de Emaús: caminho, encontro, partilha e envio.
43. Em Belo Horizonte redescobriu-se o fundamento trinitário da missão, particularmente sua origem no Pai e seus desdobramentos na missão do Filho e do Espírito. Em Aparecida, sentiu-se perpassar, a partir das celebrações e em todos os momentos dos trabalhos, a presença de Nossa Senhora, mãe dos pobres e dos povos, como uma característica profunda enraizada na tradição missionária do Continente. Ela presidiu o Congresso junto a seu Filho Crucificado, e ao povo sofrido que nela deposita todas suas angústias e esperanças, e que acolheu em suas casas os participantes do Congresso. O trem da fé e da missão, dirigido pelo olhar de Maria e pilotado pelos leigos e leigas, convocou religiosas e religiosos, bispos e presbíteros incorporando-os à marcha: um sinal claro que expressa como se edifica a Igreja e como procede a missão a partir do continente.
44. Aparecida mostrou um avanço significativo na consciência e na prática missionária da Igreja no Brasil. É um avanço perceptível voltado *ad gentes* e *além fronteiras*, fruto de um trabalho intenso de animação missionária incentivado pelo vigor e inspiração do Pe. Jorge Paleari e do Dom Franco Masserdotti, que deram a vida nessa labuta. Das sementes por eles lançadas surgiram caminhos que continuam convocando crianças, jovens, leigos e leigas, e que hoje envolvem sempre mais seminaristas, presbíteros e bispos, religiosos e religiosas. É preciso não perder esse tesouro e articular insistentemente e qualitativamente, com ousadia e esperança, os Conselhos Missionários nas paróquias, dioceses e regiões do Brasil.
45. “A vida se alcança e amadurece à medida que é entregue para dar vida aos outros. Isso é, definitivamente, a missão”, afirma o Documento de Aparecida (DA 360). Num Continente com

uma tradição martirial tão significativa como a América Latina, esse apelo se torna particularmente relevante e fundante de toda uma identidade. O convite ao envio, com as palavras de Dom Erwin Kraütler, bispo do Xingu, reforça essa perspectiva e a relança para os extremos da terra:

*“Agora, meu irmão, minha irmã, é hora de partir! Desata e enrola de uma vez a tua rede, pega a tua mochila, despede-te de pai e mãe, da família, de quem te ama e a quem tu amas! E vai em frente! Vai em frente! Segue o teu caminho e não olha mais para trás! Todo mundo vai rezar por ti! Vai acender velas ao pé da Santa! Vai com Deus! Vai com Deus! Amém! Amém!”.*